

GRUPO GEMTEH¹: DISCUSSÃO E DIFUSÃO DA IDENTIDADE CULTURAL ALAGOANA

Amaro, SILVA (1); Anderson, ALMEIDA (2); Rosemary, RODRIGUES (3)

Instituto Federal de Alagoas, Rua Mizael Domingues (esquina com a Rua Barão de Atalaia), 75, Poço – Maceió – AL – 57020-600, e-mail: amaroleitedasilva@yahoo.com.br. (2); Instituto Federal de Alagoas, e-mail: andersondiego.almeida@yahoo.com.br (3) Instituto Federal de Alagoas, e-mail: marylr_rose@yahoo.com.br.

RESUMO

Este artigo traz uma discussão a respeito da cultura popular em suas várias manifestações políticas e culturais presentes no Estado de Alagoas, tais como a expressão negra, indígena e periférica. Enfatiza, também, a produção artesanal desenvolvida desse olhar cultural e crítico. Apresenta os resultados das produções desenvolvidas no grupo de pesquisa GEMTEH (Grupo de Estudos da Memória, Tecnologia e Etno-História de Alagoas) durante o primeiro semestre de 2010.

Palavras-chave: cultura popular, artesanato, Alagoas, historiografia.

¹ Grupo de Estudos da Memória, Tecnologia e Etno-História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

1 INTRODUÇÃO

Alagoas apresenta uma elevada desigualdade social, resultado de um padrão de desenvolvimento histórico excludente. As políticas de desenvolvimento social do nosso Estado seguem uma matriz cultural, política e econômica profundamente estratificada, que exclui grupos sociais e étnicos específicos.

Dentre os fatores determinantes da exclusão social em Alagoas, podemos destacar a herança da estrutura econômica colonial e aqueles associados ao padrão cultural da sociedade, onde prevalecem as diversas formas de discriminações de natureza racial, étnica, gênero e tantas outras, configurando verdadeiros obstáculos à inclusão de uma parcela significativa da população à cidadania e ao mercado de trabalho, isto é, aos processos de mobilidade social.

A partir das premissas acima levantadas, “Memória, Tecnologia e Etno-história de Alagoas” é fruto de um grupo de estudo e pesquisa sobre a realidade alagoana - formado por professores e alunos do IFAL. O projeto é interdisciplinar e visa contribuir para uma reflexão sistemática sobre Alagoas, bem como para o registro da memória cultural e histórica do nosso povo, sobretudo do negro e índio.

Esta proposta corrobora com a visão de uma nova história crítica de Alagoas, na qual as comunidades étnicas são sujeitos de sua própria história. Nesta perspectiva, estudamos as diversas formas de saber-fazer dessas etnias e sua aplicação nos processos de ensino, pesquisa e extensão da rede federal de educação profissional e tecnológica de Alagoas.

A escrita da nossa historiografia reflete esse processo de exclusão. Símbolo da violência, conforme Lindoso, a *escrita* transforma os *cárceres da vida* em *cárceres do texto* (LINDOSO, 1983, p. 34). A historiografia oficial de Alagoas passa a ser um instrumento de poder capaz de silenciar a voz do povo: sua história, sua cultura e sua memória. É uma forma de silêncio historiográfico, necessário para a montagem da matriz de produção e reestruturação violenta da sociedade alagoana.

As histórias dos índios, dos negros e dos “filhos” do trabalho são negadas pela historiografia de Alagoas. Os silêncios da história são instrumentos que podem ser usados para legitimar o Estado ou para legitimar a imagem identitária de uma sociedade (FERRO, 1989, p. 34). Isto significa dizer que os silêncios da historiografia oficial de Alagoas legitimam a imagem de uma sociedade excludente e violenta. Segundo Almeida, “nesta perspectiva, a identidade de Alagoas só poderia existir pela ação dos 'homens bons' (da elite) e o silêncio dos marginalizados, social e culturalmente” (ALMEIDA, 2004, p. 20-21).

Contrariando o silêncio da escrita oficial, as classes subalternas de Alagoas resistiram e continuam resistindo a essa história violenta e excludente. Entretanto, são poucos os estudos e pesquisas sobre essa resistência. Já existem alguns grupos de pesquisa sobre índios e negros atuantes em nosso Estado, mas são ainda insuficientes para compreender a complexidade da sociedade alagoana.

Nessa perspectiva, percebemos a necessidade e importância desta pesquisa, a qual visa enfrentar e desconstruir o preconceito historiográfico, a fim de permitir que professores e alunos escapem da lógica reprodutivista desse modelo desigual e excludente. Para tanto, é preciso conhecer a história das sociedades alternativas de Alagoas e registrar sua memória, sua produção artística e cultural - mostrar sua influência nos diversos campos do saber.

2 CULTURA POPULAR EM ALAGOAS

Através de uma interpretação da definição de Fedeli (online, 2010) a respeito da cultura popular percebe-se que, na história, ela está ligada a uma linhagem de conhecimento que deriva da sabedoria de um povo, e é vista como uma manifestação de arte, onde a definem como a essência do saber e fazer na vida de todo o indivíduo.

Alagoas é um lugar onde a história e a cultura encontram campo fértil para semeadura. Apesar das

dificuldades, do quadro imenso de exclusão, cada momento da vida de seus habitantes e cada instante da sua trajetória no tempo se ritualiza (TENÓRIO, 2009, p. 8). Para Lins (2009, p. 5), a expressão mais autêntica da criatividade popular é o artesanato, em que o criador se serve de habilidades manuais para dar forma à leitura do mundo que o cerca. O estado é rico em artesanato raiz². Possui mestres artesãos em todos os quadrantes de seu território, do litoral à zona da mata, do agreste e do sertão.

A cultural popular alagoana também tem sua grande parcela de contribuição nas periferias do estado, onde as manifestações são levadas para os centros urbanos do estado, principalmente a capital Maceió.

Podemos ver o movimento dos bumba-meu-boi, reggae, Hip-Hop, os grupos de coco de roda, quadrilhas, entre outros que tem se tornado símbolo de resistência da cultura local e enraizada, como já mencionamos neste artigo. Acreditamos que a discussão e a difusão dessas culturas, analisando-as em todos os contextos políticos e culturais, fomentarão a educação e a visão crítica do nosso estado.

2.1 O Artesanato

O artesanato alagoano está presente nas praças, nas feiras, nos bairros, nas casas, em cada canto do estado. Caracteriza um lugar, uma comunidade, um grupo de pessoas que se utilizam em sua grande maioria de recursos presentes na natureza. Exploram a matéria-prima e fazem dela verdadeiras obras de arte que, em grande maioria, dão subsídios para a população.

Dentre os produtos mais conhecidos e seus materiais de criação estão a cerâmica, que mestres artesãos cultivam uma tradição que beberam em fontes culturais indígenas, mas que também mostram influências diversas. (LINS, 2009). A cestaria, rico artesanato que usa as fibras naturais como o Piripiri, o Ouricuri e o Cipó, também tem a tradição remontada na cultura indígena, tradição forte no litoral e confeccionada na beira dos rios. Esteiras, bolsas, cestas e tapetes são tecidos, tendo uma atividade forte no papel econômico das famílias artesãs. A madeira é variada, onde se produzem vários objetos utilitários para a própria população que os fabricam, como canoa, móveis, e também elementos figurativos como esculturas. O couro que artífices aprenderam a adaptar o material às demandas locais, utilizando-o de diversas maneiras. Temos a presença em diversas partes, principalmente na capital do estado: mestres seleiros, sapateiros e chapeleiros. Os metais, trabalhados por ferreiros e funileiros que colocam o seu conhecimento através do tempo, estão presentes em grande parte produtiva no interior de Alagoas: Facas, funis, fogões e lampiões, entre outros objetos, são produtos vendidos em feiras e pequenos estabelecimentos. Cocos e cabaças, presentes na produção litorânea, utilizados para diversos fins, mostrando a adaptabilidade do homem ao uso da matéria-prima. A tecelagem também se faz presente, tendo nos indígenas que habitaram o território nordestino, a herança das redes, mantas e tapetes.

Em Alagoas, embora se constate uma redução do número de artesãos nessa atividade, ainda é possível encontrar trabalhos feitos em velhos teares, com técnicas antigas. As rendas e os bordados estão entre os que mais se destacam dentro e fora do estado. Este apresenta grande diversidade de bordados, minuciosos e criativos. O bordado tem componentes coletivos, mostrando grande sociabilidade técnica e cultural, isso mostra que as rendeiras e bordadeiras de Alagoas estão entre as melhores do país, com a Renascença, a renda de Bilro, o Filé e o Bico Singeleza (LINS, 2009).

Para Lins (2009), em alagoas também tem o artesanato feito com materiais diversos, criado a partir do imaginário popular. Essa capacidade de transcender resulta numa imensurável variedade de objetos como chapéus de Guerreiro, adereços e máscaras, que representam o testemunho de uma visão criativa. Assim, o artesanato está ligado às formas de arte popular e trazem, em sua materialidade, elementos expressivos de nossa cultura.

2.2 O Negro e o Índio

²O termo raiz se refere aquele artesanato de forte vínculo com a comunidade onde vive o artesão, quando seu meio exerce uma influência maior do que as forças culturais e comerciais externas.

Falar do “popular” é considerar as culturas negra e indígena, muitas vezes ocultas pelo saber universalista dos europeus. Esses povos estiveram sempre presentes na formação da sociedade brasileira, o que refletiu no processo de construção da cultura do país. Uma cultura que consiste na miscigenação e pluralidade de cores, danças, línguas, religiões, fazeres etc.

Com a junção dessas culturas o que resultou foi um “produto híbrido” com uma classe dominante a fazer imposições sobre as demais, estas eram os negros e índios e aquela era os brancos (no período colonial eram os portugueses). Desse modo, foram criadas duas correntes no campo das artes: a erudita e a popular que representam metaforicamente duas faces opostas. Porém, durante todo esse tempo de convivência entre essas raças, houve trocas de conhecimentos e costumes, cada uma passou a deixar legados que se expressam na sociedade contemporânea, como afirma Weimer (2005, p.XXV):

A senhora branca ensinava as mucamas a fazer rendas de bilro; com as índias prendeu o preparo da tapioca e com as negras, o uso do azeite-de-dendê. Se o negro aprendeu com o senhor a se expressar em português, este aprendeu com aquele o gingado dos ritmos dos atabaques. Lamentavelmente, o índio não conseguiu ensinar a seu senhor sua maior virtude, que era a convivência harmônica com a natureza, mas isso não quer dizer que tenha falhado em toda a linha: pelo menos conseguiu convencê-lo a tomar banho diário e a dormir na rede.

Porém, a riqueza desses legados vai muito além dos descritos por Weimer.

O negro não deve ser apenas visto na história como o homem-escravo, mas, sobretudo como o homem-trabalhador, aquele que teve significativa importância na agricultura, na difusão de novos sabores provenientes da África, de novos ritmos musicais, nas primeiras manifestações sócio-políticas no Brasil, pois, conforme Camargo (2005, p. 08), muitas vezes esses povos formavam quilombos para a organização de movimentos de cunho social, já que almejavam pela liberdade.

No período colonial, os portugueses buscavam difundir seu modo de vida e educar os índios e, quanto aos negros, ansiavam por “aculturalizá-los”. Para os europeus, esses povos eram primitivos e inferiores a sua raça, infelizmente, esse não é um pensamento diferente do contemporâneo.

Muitas dessas comunidades quilombolas, formadas no período da escravidão, ainda persistem atualmente. Buscam agora outro lado da liberdade: o respeito da sociedade. Vivem da preservação de seus costumes e proteção de seus valores.

Alagoas abriga o maior quilombo do Brasil, berço de uma grandeza histórica significativa para a compreensão da formação do povo brasileiro, e de expressões peculiares como sua religião, danças e músicas. Porém, não é apenas no município de União de Palmares que os negros alagoanos manifestam-se e definem sua identidade, segundo Costa & Rodrigues (2010) os novos quilombos se encontram localizados na periferia, local fruto da desigual distribuição urbana. É o lugar que abriga a pobreza e o negro alagoano, a casa dos terreiros de matrizes africanas, da capoeira, do bumba-meu-boi, do coco-de-roda...

Apesar da mestiçagem na cultura brasileira, os povos indígenas constituem uma nova diversidade e possui expressividade nos vários campos culturais como nas artes plásticas, na música, na dança, na literatura, no teatro, na arquitetura e no design (PROENÇA, 2005, p.88). Embora existam no Brasil várias tribos indígenas que possuem características distintas, essas comunidades apresentam algumas semelhanças quanto ao modo coletivo de vida e na divisão de terra; a divisão do trabalho; o respeito a hierarquia, entre outros aspectos (CEREZO, 2008, p. 18).

2.3 A Cultura da Periferia

Os bairros periféricos é um lugar de mestiços e pobres em áreas concentradas nos bolsões urbanos que se alastram pelas geografias do Jacintinho, Reginaldo, Benedito Bentes, Salvador Lira e dos bairros lacustres na região que se estende de Bebedouro até o bairro do Pontal da Barra, todos localizados na cidade de Maceió. Dentre esses espaços, o critério das diferenças pode ser avaliado por sua produção cultural (BEZERRA,

2006, p. 69).

É nesse contexto que podemos compreender a emergência das produções em diferentes espaços e que tem se deslocado das margens para o centro das representações. Todavia, esses movimentos tem tido pouca visibilidade (BEZERRA, 2006, p. 69). A partir desses movimentos, situados nos espaços periféricos da cidade, é que tem alimentado a identidade cultural alagoana. Sendo evidências claras desse processo o Chapéu do Guerreiro e as emergentes performances dos Bumbas-meu boi. Os exemplos dessa explosão cultural e das culturas criadas na periferia são as bandas de reggae, a Orquestra de Tambores e o maracatu Axé Zumbi, no bairro do Vergel do lago; o grupo musical Malucos do Itê, no bairro de Bebedouro; o Afoxé de pai Célio, na Ponta da Terra, dezenas de cultos afro-brasileiros e cerca de cinco mil capoeiristas, presentes em Maceió e importantes na educação de crianças e jovens nessas comunidades. Aqui, ressaltamos a importância que tem o papel dessas manifestações nas periferias, pois entendemos que a partir delas podemos visualizar a essência da cultura que faz parte da população e que caracterizam a região onde se localizam.

3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

Diante do notável preconceito historiográfico, tem-se a necessidade de reformular e redirecionar a escrita da história alagoana. E, para tanto, é preciso pesquisar a história, a cultura e a memória das comunidades étnicas de Alagoas e sua contribuição para os processos de ensino, pesquisa e extensão da rede de educação profissional e tecnológica.

É nesse olhar para as questões identitárias e a valorização das peculiaridades que compõem a diversidade alagoana, que a pesquisa analisa cada cultura com as suas habilidades e capacidades, com o seu “saber fazer”, principalmente a nível artístico, expresso muitas vezes em artefatos artesanais. As culturas trabalhadas são as negadas pela história, é a cultura que reflete o povo, a do índio, do negro e outros.

Assim, a pesquisa viabiliza introduzir a abordagem da diversidade sociocultural de Alagoas como reconhecimento e valorização das diversas populações do nosso Estado, ao apresentar conceitos sobre espaço, história, cultura e memória.

Desenvolve estudos e metodologias de introdução das temáticas história e cultura afro-brasileira e indígena nas diversas áreas do conhecimento; sobretudo nas áreas da história, geografia, literatura, artes, sociologia e design de interiores. A partir do oferecimento de cursos, seminários, palestras, materiais didáticos sobre a diversidade sociocultural de Alagoas etc.

A cada ano de estudo e pesquisa, será realizado um seminário, com a exposição dos resultados das pesquisas, experiências exitosas ocorridas ao longo do estudo, bem como outras conclusões resultantes do processo teórico-prático vivenciado pelo grupo.

Portanto, a pesquisa apresenta como maior objetivo, estimular/valorizar/compreender/retratar a produção da cultura popular através das seguintes linhas que estão sendo trabalhadas: Etno-História de Alagoas: indígena e afro-brasileira; Educação e Diversidade Sociocultural; Cultura e memória de Alagoas; Etno-Design em Alagoas.

4 METODOLOGIA, RESULTADOS, ANÁLISES E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para o exercício das atividades da pesquisa, foi necessário conhecer, através de um diagnóstico da realidade alagoana, as questões sobre história, memória e cultura em Alagoas. Esses temas foram debatidos em reuniões mensais com inúmeras personalidades alagoanas, que demonstram interesse ou já executam atividades a respeito das citadas linhas pesquisa. Dentre essas figuras destaca-se a do professor Dr. Luiz Sávio de Almeida, professor emérito da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), considerado um dos maiores antropólogos do Estado, o qual vem contribuindo com a doação de materiais bibliográficos e monitoramento de visitas técnicas organizadas pelo grupo.

Em paralelo às reuniões, fase em que há maior troca de conhecimento entre o grupo, tem-se o apuramento de dados teórico-conceituais das temáticas sobre Alagoas. As referências para esse aprofundamento técnico é buscada através de acervo bibliográfico, jornais e revistas alagoanas, teses, além de fontes relevantes e seguras do meio virtual e outros documentos que tenham relações com o tema.

Informações encontradas em pesquisas de campo sobre a diversidade dos grupos sociais alagoanos, inclusive, étnicos afro-brasileiros e indígenas - objetivando conhecer melhor a diversidade sócio-cultural alagoana tem significativa importância para o desenvolvimento da pesquisa. Assim como, o diálogo entre sujeitos, experiências e objetos de análise do grupo de pesquisa, sendo a interdisciplinaridade constituinte e constituidora do grupo, traduzida em seminários, visitas de observação, oficinas, concepção dos projetos de pesquisa, entre outras estratégias de integração, também está sendo um meio para maior consciência crítica dos participantes.

Já foram realizados, durante o primeiro semestre, dois ciclos de debates no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), sendo o primeiro com o seguinte tema: Educação e Diversidade, realizada em 28 de abril de 2010. Teve como banca de debates as seguintes personalidades: a Mãe Mirian – representante da cultura Afro no Estado de Alagoas, Rogério Rodrigues – professor de história e pesquisador da cultura indígena, Viviane Rodrigues – representando o Quilombo (Associação Cultural, localizada no Bairro do Jacintinho, em Maceió-AL), Daniela Bulhões – representante do grupo GEMTEH, e como já mencionado neste artigo o professor Luiz Sávio de Almeida.



Figura 1: Dança indígena
Fonte: arquivo pessoal



Figura 2: Mãe Mirian
Fonte: arquivo pessoal



Figura 3: Representantes do IFAL
Fonte: arquivo pessoal

Neste evento foi discutida a educação inserida na diversidade cultural presente nos vários grupos étnicos, e fazendo uma análise crítica sobre sua postura diante das referidas características que conceituam a identidade de cada grupo. Houve apresentação de dança da tribo Xururu-Kariri³, além de exposição de produtos confeccionados na tribo.

O segundo ciclo teve como debate o tema “Alagoas: história e região”. Sua mesa foi composta pelo professor Luiz Sávio de Almeida, pelo premiado cineasta alagoano, de renome internacional, Werner Salles e por componentes do grupo Agenda Alagoas⁴. Houve a demonstração do documentário “História Brasileira da Infâmia”, o qual retrata as diversas versões a respeito da morte do primeiro Bispo do Brasil, no século XVI, Dom Pedro Fernandes Sardinha. O debate foi encerrado com a apresentação musical de Ivo Bulhões, integrante do grupo Agenda. Ainda neste evento houve a performance do Boi Excalibur, atividade do Quilombo já mencionado.

³ Tribo que vive numa reserva indígena na cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas.

⁴ Grupo que articula grupos de estudos e pesquisas, que estão voltados às questões de negros, índios e ciganos; educação, ciência e tecnologia; história e memória entre outros. O grupo GEMTEH surgiu seguindo as propostas estabelecidas pelo Grupo Agenda de Alagoas, criado em dezembro de 2009.



Figura 4: Boi Excalibur
Fonte: arquivo pessoal



Figura 5: Banca de debates
Fonte: arquivo pessoal

No cronograma do grupo ainda está previsto um ciclo de debates para este ano, com o seguinte tema a ser discutido: “Ciência e Tecnologia em Alagoas: história e implicações sociais”.

Essas atividades tem colaborado para a difusão do grupo na comunidade acadêmica que compõe o Instituto Federal de Alagoas, bem na comunidade externa, a qual também se mostrou presente nesses debates em exercício. Portanto, a base desse trabalho metodológico está centrada na compreensão da relação teoria-ação-reflexão. Logo, contribui para o domínio do conteúdo técnico e prático das temáticas sobre Alagoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que este artigo contribui com a temática abordada e analisada pelos seus autores, tendo como ponto de partida o grupo de pesquisa GEMTEH, que tem a pretensão de continuar com o estudo da cultura popular e das manifestações políticas que norteiam os grupos étnicos, afro-brasileiros e outros que nos instigam a analisá-los e discuti-los, enquanto proposta mantenedora e difusora do pensamento crítico que os contemplam, dentro de todos os seus aspectos culturais.

Este artigo, não tem a pretensão de esgotar o assunto, até porque seria impossível pela sua vastidão. Contudo, a importância da pesquisa tem se completado devido as suas produções voltadas para o campo pesquisado, e os resultados tem contribuído como motivação para a continuação da investigação a cerca da temática trabalhada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.). **Dois Textos Exemplares**. Maceió: Edual, 2004.
- BEZERRA, Edson. A invasão margens. **Urupema**: revista de cultura alagoana, Maceió, n. 01, p. 68-70, dez. 2006.
- CAMARGO, Edwiges Pereira Rosa. **O negro na educação superior**: perspectivas das ações afirmativas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, Brasil.
- CEREZO, Miguel Castro. **Enciclopédia do Estudante**: história do Brasil: das origens ao século XXI. São Paulo: Moderna, 2008.
- COSTA, Denivan; RODRIGUES, Viviane Conceição. **Mirante Cultural, um quilombo chamado Jacitinho**. O jornal. Espaço. Maceió, 20 de junho de 2010, p. B5.
- FEDELI, Orlando. **Cultura popular, cultura de elite, cultura de massa**. Disponível em: < <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=politica&artigo=cultura&lang=bra> > Acesso em: 08 de setembro de 2010.
- FERRO, Marc. **A História Viglada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LINDOSO, Dirceu. **A Utopia Armada**: Rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LINS, Stefani Brito. **Mestres artesãos das Alagoas**. Alagoas engenho e arte. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.

PROENÇA, Graça. **Descobrimo a História da Arte**. São Paulo: Ática, 2005.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Mestres artesãos das Alagoas**. O fazer popular das Alagoas. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.